

segundocaderno@oglobo.com.br

JOSÉ MIGUEL WISNIK

Neojibá

A educação brasileira precisa considerar com cuidado o caso das orquestras sinfônicas Neojibá da Bahia. Estive em Salvador no fim de semana passado para ver a festa de aniversário dos cinco anos de vida desses núcleos musicais infantis e juvenis. Estou pasmo. Não tenho razões para não dizer que chorei muitas vezes, ora serena ora convulsivamente, ao longo do sábado e do domingo.

No sábado a orquestra de jovens formados pelos núcleos, num tempo tão curto, tocava a Nona Sinfonia de Beethoven, juntamente com cantores solistas estrangeiros convidados e um coral de adultos arregimentado especialmente para a ocasião. A regência é do pianista e maestro Ricardo Castro que, impressionado pela experiência venezuelana de multiplicação orquestral jovem, e movido pela vontade de dar um novo sentido à prática da música de concerto, idealizou, disparou e vem dirigindo o processo.

Cordas para lá de muito dignas, flautas, clarinetes, oboés e fagotes soando com qualidade surpreendente, metais de resposta e percussões que não nos deixavam esquecer que estávamos na Bahia. Na verdade, nada nos deixava esquecer a Bahia: garotos e garotas do povo brasileiro, negros, mestiços de todos os matizes, quase brancos e brancos, o arco social e racial, formado a partir da base, tocando com musicalidade envolvente e com tesão, com entendimento das sutilezas e senso dançante dos ritmos. Uma verdadeira “Ode à alegria”, dando renovada razão ao poema de Schiller que Beethoven incorporou ao movimento final da Nona.

Já era muito. Mas no domingo de manhã uma segunda orquestra, mais nova, formada há dois ou três anos, surpreende também pela sonoridade e pela musicalidade. E pelo fato de estar sob as ordens de um maestro de 21 anos, talentosíssimo, chamado Yuri Azevedo, formado na própria Neojibá, que há cinco anos não conhecia música clássica, há três nunca tinha regido nada, e que agora rege um concerto inteiro com peças de Tchaikovsky, Alberto Ginastera e o poema sinfônico “Finlândia”, de Jan Sibelius, além de ter sido premiado no recente Festival de Inverno de Campos de Jordão.

Domingo à tarde uma terceira sinfônica, mais recente, concentrada na região da Ribeira. E ainda uma quarta orquestra praticamente infantil de cordas, vinda de Trancoso, que toca sem maestro um arranjo do “Trenzinho caipira” de Villa-Lobos, com entendimento orgânico das dinâmicas, dos planos e dos ritmos, dos intuitivos “acelerandos” e “retardandos” conjuntos. Não tenho espaço nem palavras para descrever aqui tudo o mais que aconteceu naquele dia.

A questão é: como é possível? Ricardo Castro faz questão de não fazer muito mistério nem segredo sobre os princípios envolvidos. O primeiro é: uma criança que aprende uma escala no instrumento já deve ser considerada mestre de outras. Todo aprendiz é um multiplicador em processo. A sala de aula é inseparável do palco. O jovem músico não fica esperando se formar para só então tocar. Tocando com outros, ele já afina melhor do que o faria sozinho, encontra sentido para a atividade e a animação para superar as áridas dificuldades técnicas. As pompas hierárquicas que cercam a música erudita, as frescuras e as poses correspondentes, bem como o olhar depreciativo e superior para a música popular, são simplesmente postos de lado. Luiz Gonzaga e Beethoven, entre tantos outros, fizeram parte do repertório daqueles dois dias, apresentado para uma plateia fervilhante que, em grande parte, passava por uma iniciação instantânea e entusiasmada ao mundo do concerto.

A minha avaliação não se faz, por isso mesmo, com o ouvido purista, quando vem acompanhado de narizes empinados e torcidos. O que ouvi é muitas vezes imperfeito, mas cristalinamente musical em potência, em ato e em progresso. O rendimento em tempo curto é praticamente milagroso. Ricardo Castro animou ótimos professores de orquestra, europeus, a darem oficinas ao longo desses tempos. O padrão visado é o mais alto. Não se trata de fazer por menos ou por pouco. O efeito não é decorativo. Os objetivos a atingir são estimulantes e desafiadores.

Com tudo isso, a atitude não é paternalista. Não se trata de exibir pobres afinados e bonzinhos, para nosso consolo. Mas de comprovar a potência adormecida e transformadora da população de um país novo (país que pretende ser protagonista em cima de uma escola pública catastrófica), quando educação e cultura se juntam com a ampliação dos repertórios. Há muito tempo eu tenho certeza disso, mas tomei o banho empolgante de um exemplo vivo. Há muitas consequências a tirar desse modelo de civilidade, que contrasta com os exemplos de incivilidade brasileira que Francisco Bosco analisou recentemente aqui. Há outras iniciativas nessa linha, e deve-se aprender a dar a elas um peso central. ●

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
FELIPE HIRSCH	Pelo mundo	FRANCISCO BOSCO	Pelo mundo	HERMANO VIANNA	JOSÉ MIGUEL WISNIK	CAETANO VELOSO
	CRISTINA RUIZ BERLIM		EDUARDO GRAÇA NOVA YORK			
	ANA PAULA SOUSA LONDRES		EDUARDO LEVY LOS ANGELES			



Kiss. Gene Simmons (à esquerda) conta que a banda vai tocar vários sucessos de seus quase 40 anos de carreira e poucas canções do recente “Monster”

O rock básico segundo os ‘DEUSES DO OLIMPO’

O líder do Kiss, que toca dia 18 no Rio, diz que o novo disco da banda é uma reação aos excessos na música e promete fazer um show baseado em hits

SILVIO ESSINGER
silvio.essinger@oglobo.com.br

Ao telefone, a voz do sujeito que há décadas se esgoela cantando “I love it loud” é baixa e pausada, quase monótona. Igual à de um professor — mesmo que as lições que ele tenha para dar sejam de 40 anos de carreira, era necessário. Uma volta ao rock básico, encorpado, melódico e por vezes caricato que marcou a produção inicial do grupo.

— O que acontece hoje é que há tanta moda, tantos grupos de gêneros musicais, tanta tecnologia, que as pessoas se esquecem do básico. É como quando você vai a um restaurante e a comida tem tanta manteiga, tanto creme de leite, que você termina com dor de barriga — compara o homem por trás da pintura kabuki de diabo. — “Monster” é mais como a comida caseira, os pratos

da sua mãe. Comida de verdade, com ingredientes frescos.

Para Simmons, muito do crédito pelo bom resultado do novo disco vai para Tommy Thayer (guitarra) e Eric Singer (bateria), músicos que há cerca de dez anos substituíram os originais Ace Frehley e Peter Criss.

— Tommy e Eric deram nova vida à banda. Quando você é um deus, e vive lá no Olimpo, acaba esquecendo o quão especial você é. Mas, hoje, ao ouvir o público gritar “you want the best, you got the best” (“você quer o melhor, você tem o melhor”, em tradução livre) como um grito de guerra, sou lembrado de que somos lendas e de que temos que fazer jus a isso — diz, sem qualquer modéstia, o artista que fundou o Kiss com o vocalista e guitarrista Paul Stanley (o da estrela negra no olho). — Acho que, se eu e Paul permanecemos juntos, é porque nos respeitamos. E, principalmente, porque respeitamos o Kiss.

O Rio de Janeiro é um velho conhecido da banda, que debutou na cidade em 1983, no Maracanã, fazendo o maior show de sua carreira, para 250 mil pessoas. Tempos loucos.

“

“Hoje, ao ouvir o público gritar ‘you want the best, you got the best’ como um grito de guerra, sou lembrado de que somos lendas e de que temos que fazer jus a isso”

Gene Simmons
Baixista, vocalista e fundador do Kiss

O GRANDE DISCO MÍSTICO CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

Em 1960, Pedro Santos descobriu a ioga, que começou a praticar sob orientação do Professor Hermógenes.

— Meu marido era muito sensível e, com a ioga, despertou. Ele queria passar esse entusiasmo para todo mundo — conta Sylvia Araújo dos Santos.

Na busca pela espiritualidade, Pedro largou um trabalho bem remunerado na TV Excelsior e foi confeccionar baquetas e bolsas, junto com a mulher, para obter o sustento. A perda de um filho o deixou ainda mais cheio de questionamentos, que foram o germe para a composição de “Krishnanda”. Criador de outros instrumentos, como o birimboca (um berimbau de boca), o bambussom e chocalhos d’água (que o auxiliavam no trabalho de sonoplasta), ele continuou a trabalhar em gravações, até que apareceu em sua vida Helcio Milito, baterista do Tamba Trio que, em 1968, tinha acabado de voltar dos Estados Unidos e assumira o cargo de diretor de produção da gravadora CBS (na época, movida a Roberto Carlos e iê-iê-iê).

— Ele era um gênio disfarçado de Pedro Maluco. Foi o mais fantástico percussionista que eu conheci na minha vida. Resolvi fazer aquele disco porque ele tinha que ser feito. Não era tão caro assim — conta Helcio, que deixou a concepção inteira de “Krishnanda” nas mãos do artista, convocando apenas o arranjador Pacheco Lins, que no disco assinou Jopa Lins) para que ele passasse à partitura as ideias de arranjo que Pedro cantorolava. — Eu só ia ao estúdio para dar uma olhadinha, ver o que estava acontecendo e o quando estava custando. Eu só tinha que armar a produção, ele sabia exatamente o que queria.

“Krishnanda” foi gravado em três canais, ao longo de duas semanas, no estúdio da CBS, no Centro do Rio. O violonista Sebastião Tapajós (com quem Pedro gravaria na Argentina, nos início dos anos 1970, um par de cultuados LPs em duo) diz lembrar ter gravado guitarra elétrica em uma das faixas: — Pedro é o precursor de tudo que se fez em termos de percussão no Brasil. Ele tirava sons que eu nunca vi ninguém tirar. O que ele fez, os america-

nos depois pegaram e fizeram na máquina (no sampler).

— Era totalmente fora de órbita o que o Pedro compunha — arremata Helcio Milito. — Eu não quis nem conversa com o chefe de vendas da gravadora, sabia que o disco não ia ser um estouro. Depois, eu faria outros discos e venderia meu milhão.

EDIÇÕES PIRATAS NA EUROPA

Com sua capa que reproduz uma escala evolutiva dos animais, em referência ao afresco “A criação de Adão”, de Michelangelo, “Krishnanda” de fato passou em branco pelas lojas. Pedro seguiu adiante, gravando e tocando com artistas como Maria Bethânia, Paulinho da Viola, Baden Powell, Canêdia, Antonio Carlos e Jocaifi, Clara Nunes e Roberto Ribeiro. E nunca reclamou da falta de reconhecimento do disco.

— Mas ele se sentiu bem porque tinha feito o trabalho que queria — diz Sylvia.

— Meu pai estava sempre criando, compondo. Ele deixou muita coisa escrita. Acho que é por isso que ele não falava muito do “Krishnanda”. Ele olhava muito para a frente. En-

— Quando fomos a primeira vez ao Rio, não era fácil levar shows ao Brasil. E ainda tínhamos que explicar que não estávamos aí por razões políticas, para fazer alguma revolução, mas para divertir as pessoas — conta Simmons, que promete fazer com o Kiss, desta vez, um show recheado de sucessos e com apenas poucas músicas de “Monster”. — Se, por exemplo, eu fosse ver o Led Zeppelin, e ele não tocasse “Stairway to heaven” e “Whole lotta love”, eu ficaria muito chateado!

DE QUADRINHOS A CAIXÃO

Pioneiro na veiculação de produtos com a marca da banda, o Kiss segue vendendo de tudo: de luxuosos livros de fotos e caixões a séries de quadrinhos — a mais recente, desenhada pelo petropolitano Wagner Reis (“Fomos procurar pelo melhor, e o melhor era um brasileiro”, comenta Simmons).

— O Kiss sempre foi mais do que uma banda, sempre quisemos mais do que isso. Tudo começa com as canções. Aí, você vai ver a banda no palco. E, depois, quando sai, tem as camisetas e tudo o mais. Mas a alma do Kiss é a música.

Politicamente conservador, o baixista do Kiss acredita que “países deveriam ser governados como se fossem negócios”.

— Cada país precisa importar o que não tem e exportar o que os outros não têm. E, nisso, ter algum lucro. Os Estados Unidos estão em uma situação financeira difícil porque os políticos tomaram conta, não os homens de negócio — prega. — No Brasil, os líderes mudaram a forma de se fazer negócios, e agora mais pessoas têm mais empregos e dinheiro. ●

contrei vários roteiros de discos e shows que ele queria fazer — revela Lys, que, desde a criação do blog para o pai, vem descobrindo edições não autorizadas do disco (até em vinil, na Europa) e recebendo contatos de jovens admiradores da música de Pedro Santos.

Um deles é Maurício Fleury, do grupo Bixiga 70, que gravou “Desengano da vista”, de “Krishnanda”, no álbum de estreia do grupo, lançado no ano passado. Não foi o único a reler canções do cultuado disco. Seu Jorge cantava “Água viva” nos seus shows com o grupo Almaz e a cantora Mariana Ayrdar, “Um só”.

— O “Krishnanda” tem uma visão afro-indígena-cósmica que é muito brasileira. É um dos discos que eu mostrei para o pessoal da banda logo que a gente começou a tocar — diz o tecladista do Bixiga 70, Maurício Fleury. — A percussão fala alto e tem aquele monte de instrumentos que ele inventou, instrumentos aos quais o ouvido não está acostumado. E ainda tem todo aquele misticismo muito forte. Esse disco é um enigma até hoje, é como se fosse uma cápsula do tempo. ●